



Ciclo Pecuário I Abate de Fêmeas no Rebanho Bovino do Estado de São Paulo

A bovinocultura de corte, conforme divulgado recentemente na imprensa¹, atravessa um período de recuperação de suas margens sobre os custos de produção no mercado interno, em termos de preços da arroba do boi gordo. Com a cotação média da arroba bovina no mês de setembro de 2014 de R\$129,16 e de R\$130,00/@ no início do mês de outubro, segundo o boletim diário de preços do Instituto de Economia Agrícola (IEA)², os pecuaristas no Estado de São Paulo vivem um bom momento, com a recuperação no valor da arroba acima da inflação. Este valor sinaliza que o estado está no ponto ascendente da curva de preços da arroba do boi gordo, fato que merece uma reflexão.

No grande caldeirão da cadeia de bovinos de corte, conforme o tempero utilizado, tem-se como resultado final um valor pago pela arroba bovina. Pode-se entender como tempero as diversas variáveis que incrementam ou recrudescem a atividade: preços de insumos; tributos nos diversos elos da cadeia; valor dos animais de reposição; preço da arroba; exportações; poder de compra dos consumidores; sazonalidade; localização na curva do ciclo da pecuária e abate de fêmeas; ou seja, todos os itens que irão influenciar a demanda e a oferta de animais para o abate. Ao longo do tempo, as cotações da arroba bovina descrevem uma trajetória que reflete a influência de todas as variáveis mencionadas isoladas ou combinadas. Três dessas variáveis - o mercado de animais de reposição, disponibilidade de animais para o abate e o número de fêmeas abatidas - serão alvo da reflexão deste trabalho.

A trajetória dos preços do boi gordo determina o "ciclo da pecuária", explicado pela evolução do preço da arroba do boi gordo ao longo do tempo, onde períodos de preços altos estão ligados à pequena disponibilidade de animais para o abate e vice-versa. Uma das justificativas da falta de animais para o abate é explicada, por sua vez, pelo número de vacas que foram abatidas no período de tempo defasado de 3 a 4 anos e que determinaram a reduzida oferta de animais de reposição para a engorda. A trajetória do abate de fêmeas se comportou sob a forma de curva ascendente e descendente ao longo de aproximadamente 8 anos (Figura 1). O comportamento dos preços da arroba do boi gordo mantém relação com o comportamento dos pecuaristas em reter ou descartar

fêmeas de seu rebanho. A decisão de manter fêmeas no rebanho significa oferta de animais para a engorda e que há intenção de que as bezerras atinjam a maturidade, tenham a primeira cria e seu produto chegue à idade de abate. Este movimento, conforme a cotação da arroba do boi gordo, que, por sua vez, está ligada ao balanço da oferta e da demanda por carne bovina, também vai estimular ou desestimular a retenção de fêmeas para a produção de bezerras.

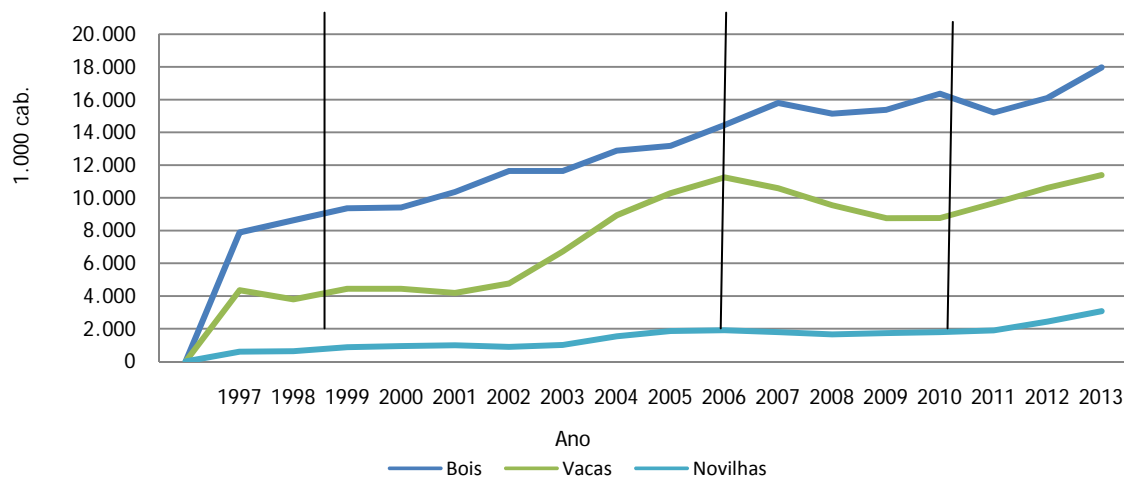


Figura 1 - Abate de Bovinos, Brasil, 1997 a 2013.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Estatística da produção pecuária. Rio de Janeiro: IBGE, mar. 2014.

Nessa equação, deve-se ter em conta que aspectos relacionados à tecnologia de criação são de fundamental importância. O tempo necessário para que uma bezerra cresça, tenha sua primeira cria e seu produto também cresça e seja encaminhado ao abate compõe um indicador do quão tecnologicamente eficiente é o sistema de criação, ou seja, a idade em que a fêmea tem sua primeira cria e a idade em que seu produto pode ser abatido, isto é, em quanto tempo o rebanho se recompõe, são indicadores de eficiência.

Índices zootécnicos próximos aos de países que empregam alta tecnologia na produção permitem maior rendimento em carne em menor área e no menor tempo. Esta base, rendimento-área-tempo, permite que países desenvolvidos obtenham mais carne sobre um número menor de animais num período inferior de tempo. A discrepância nas relações de produção do Brasil constitui-se num dos fatores que ajudam a explicar o longo ciclo da pecuária praticada no país e no Estado de São Paulo. Dada a falta de uniformidade nos aspectos técnicos, os indicadores de rendimento do rebanho nacional são baixos, por exemplo, a idade média de abate dos animais é entre 3 e 4 anos e o índice médio de lotação de pastagens é de 0,81 unidade animal por hectare³. Em resumo, o baixo desempenho, resultado da grande

diversidade tecnológica entre os criadores, explica o fato de que o rebanho nacional parece crescer apenas numericamente.

Essa lógica de comportamento leva a certas armadilhas que, frequentemente, se impõem nos momentos em que a demanda cai, seja por resultado da redução do poder aquisitivo da população, seja por qualquer outro fator. Uma dessas armadilhas é a ruptura da relação entre a retenção de fêmeas para a produção de bezerros e, conseqüentemente, para a produção de carne. Nesses momentos, a soma de ações individuais voltadas a evitar perdas resulta na decisão de enviar as matrizes e as filhas para o abate, piorando mais ainda o quadro crítico. As expectativas individuais somadas resultam na queda ou na alta do valor da arroba do boi gordo, na queda ou na alta do valor dos animais de reposição e na maior ou menor participação de fêmeas no total de abate. A decisão do pecuarista sobre o valor pretendido da arroba do boi gordo é o resultado do balanço das diversas fontes de informações disponíveis. Conforme a decisão do mercado sobre o valor da arroba, ou seja, se for aceito o valor pretendido, ocorre a inserção deste na curva do ciclo pecuário, conforme o movimento ascendente ou descendente dos preços. O movimento do ciclo de preços do boi gordo é influenciado pelo ciclo de retenção ou de descarte de vacas em período precedente do ciclo pecuário.

O abate de fêmeas, que sem dúvida nenhuma é de suma importância na oferta de carne, serve como indicador antecipado dos períodos de falta ou de excesso de animais para o abate (Figura 2) e, por conseqüência, influencia no preço da arroba bovina. Na figura 2, os dados do Estado de São Paulo e do Brasil estão na mesma base (1997=100) para que sejam comparáveis no tempo. Observa-se que até 2004 as séries evoluíram de maneira semelhante e que a partir de 2005 houve um descolamento delas, entretanto, a tendência de queda ocorreu nas duas, com recuperação nos últimos anos do período. Uma das possíveis causas dessa mudança de amplitude entre a curva de abate de fêmeas no Brasil e em São Paulo seria a intensificação da aptidão do Estado de São Paulo em recria e o fato de que os animais utilizados para o confinamento no estado são em sua maioria machos.

A produção de bovinos no Estado de São Paulo é tradicional e está vinculada ao fato de que este é um dos maiores centros consumidores do país e tem um dos maiores parques abatedouros, além de ter o porto nacional com o maior volume em exportação de carne bovina brasileira para o mundo. A dinâmica de produção do Estado de São Paulo é a mesma de outros estados, porém, os fatores considerados em qualquer sistema produtivo do país pesam mais sobre seus produtores. O valor da terra é maior que em outros estados, os baixos índices de rendimento do rebanho e o valor pago pelos animais de reposição somam-se e resultam no comprometimento do rendimento por hectare.

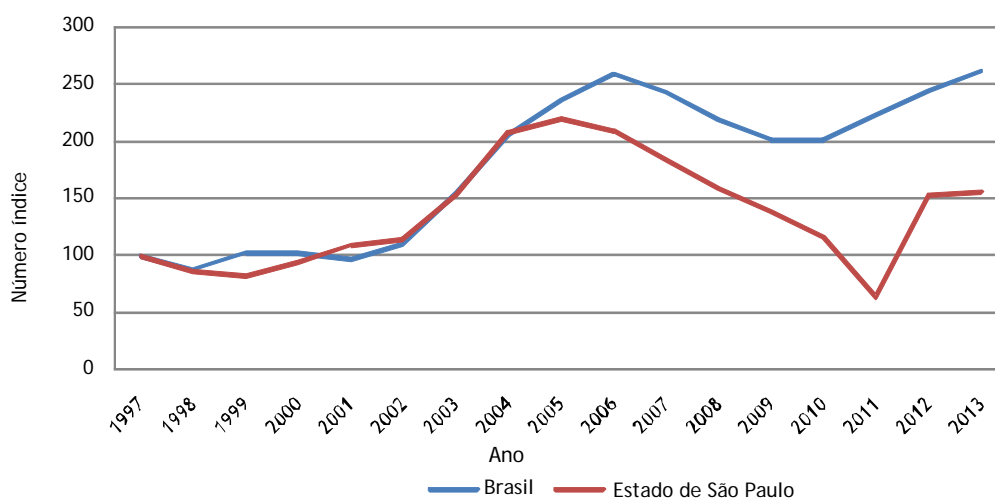


Figura 2 - Evolução do Abate de Vacas, Brasil e Estado de São Paulo, 1997 a 2013.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Estatística da produção pecuária. Rio de Janeiro: IBGE, mar. 2014.

Em matéria do jornal O Estado de S. Paulo⁴, foi estimada em 60% a proporção de pecuaristas nacionais de pequeno porte, em geral, são produtores com base tecnológica baixa. Essa proporção é considerável e pode explicar, em parte, os baixos índices de produtividade no rebanho nacional⁵.

Apesar dos indicadores de produtividade desfavoráveis, em 2013 o Brasil comercializou US\$6,6 bilhões em carne bovina para o exterior, conforme dados da ABIEC⁶, fato que dá a indicação de que o país é bem competitivo no mercado externo em nível de indústria processadora, apesar de seu baixo rendimento na base de produção. A partir dessas colocações, conclui-se que esta atividade é importante para o país, porém, os diferentes índices de produtividade que os animais destinados ao abate apresentam interferem no equilíbrio do setor. Lembrando-se que eles expressam as bases tecnológicas empregadas na produção e que elas são múltiplas, variando no grau de sofisticação de cada produtor. Contabilizados todos os fatores, vê-se nas estatísticas de abate da produção nacional e de São Paulo, apresentadas nas figuras 1 e 4, o resultado final que é destinado ao consumo interno e às exportações. É claro que não se pode esquecer das leis de mercado, das condições macro e microeconômicas que são extremamente importantes para a definição e orientação do setor.

A soma de bois, vacas e novilhas (Figura 3) é o número total de bovinos enviados para o abate pelo Estado de São Paulo em 2013, que foi de aproximadamente 3,5 milhões de cabeças, 10,3% do total nacional, de 34,4 milhões de cabeças aproximadamente, conforme o Levantamento Trimestral da Produção Pecuária⁷.

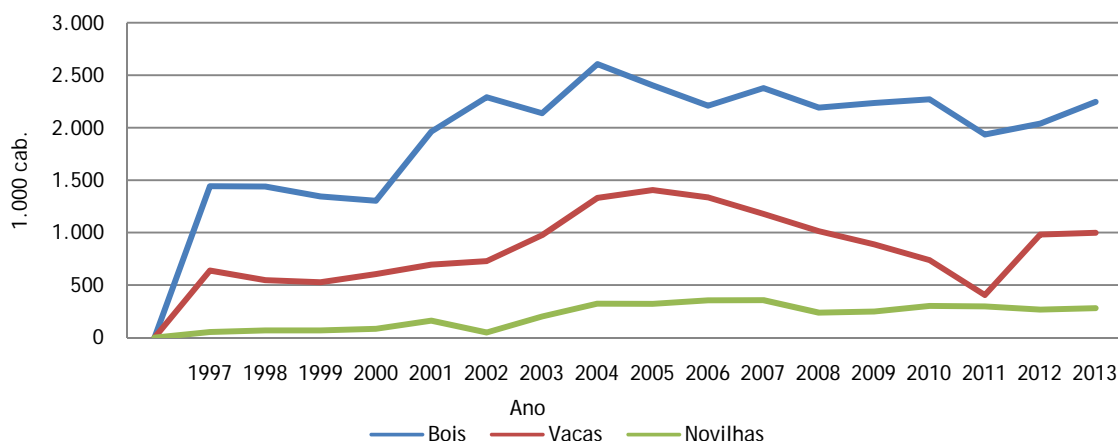


Figura 3 - Abate de Bovinos, Estado de São Paulo, 1997 a 2013.

Fonte: Elaborada pelos autores a partir de dados do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Estatística da produção pecuária. Rio de Janeiro: IBGE, mar. 2014.

A participação do Estado de São Paulo na produção nacional vem decrescendo gradativamente e em 2013 situava-se na terceira posição em número de cabeças abatidas. Os principais Estados produtores são: Mato Grosso, com 5,8 milhões de cabeças; Mato Grosso do Sul, com 4,1 milhões de cabeças, São Paulo, com 3,4 milhões de cabeças; e, na quarta posição, Goiás⁸.

A produção brasileira está inserida em uma grande cadeia de produção mundial e dentro deste mercado global, segundo dados de previsão do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA)⁹, destaca-se como o maior exportador de carne bovina do mundo, com o volume exportado em 2013 previsto em 1.821,6 milhões de toneladas em equivalente carcaça.

Toda a conquista do mercado externo e o crescimento da produção nacional a fim de atender a demanda do mercado interno e externo por carne bovina parte de uma base instável, ou seja, ao primeiro sinal de mudança das condições de mercado, as matrizes (Figura 4) e, posteriormente, o mercado de animais de reposição serão os primeiros a manifestar com o descarte ou a retenção de matrizes e, em seguida, com a queda ou o aumento nos preços dos animais de reposição, bezerro, garrote e boi magro, que no fim de tudo determinaram a escassez de animais para o abate.

A expansão ou a retração do rebanho estão relacionadas ao grau de demanda por carne que a população requisita e ao grau tecnológico que os criadores aplicam em seus rebanhos, portanto, a rapidez com que o setor reage aos estímulos positivos ou negativos está na dependência do cuidado com que sua produção é conduzida.

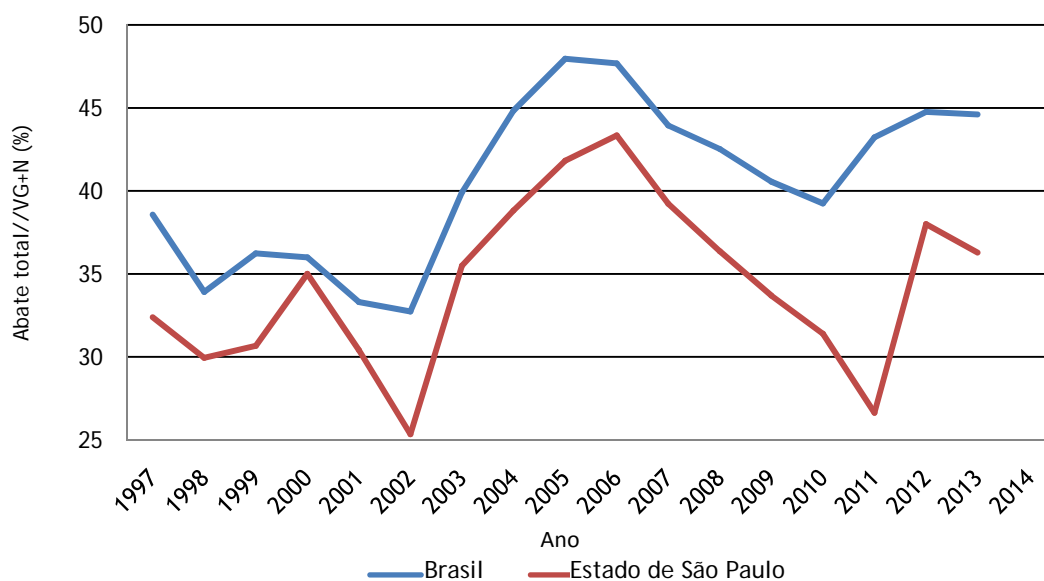


Figura 4 - Bovinos Abatidos X Participação de Fêmeas (VG+N), Brasil e Estado de São Paulo, 1997 a 2013.
Fonte: Elaborada pelos autores a partir dados do INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Estatística da produção pecuária. Rio de Janeiro: IBGE, mar. 2014.

¹BARROS, B. Rondônia já tem o boi mais disputado do país. *Valor Econômico*, São Paulo, 20-22 set. 2014.

²INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA - IEA. Banco de dados. São Paulo: IEA. Disponível em: <<http://www.iea.sp.gov.br>>. Acesso em: out. 2014.

³Op. cit. nota 1.

⁴PETRILLO, D. Pecuária ainda tem potencial de crescimento: Brasil precisa abrir mercado e investir em tecnologia e qualidade do produto. *O Estado de S. Paulo*, São Paulo, 22 set. 2014. Caderno X10, especial.

⁵Op. cit. nota 4.

⁶ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS INDÚSTRIAS EXPORTADORAS DE CARNES - ABIEC. Produção mundial de carne bovina. São Paulo: ABIEC. Disponível em: <<http://www.abiec.org.br/pt/estatisticas/mundial/producao-2.html>>. Acesso em: 16 abr. 2014.

⁷INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. Estatística da produção pecuária. Rio de Janeiro: IBGE, mar. 2014.

⁸Op. cit. nota 7.

⁹COMPANHIA NACIONAL DE ABASTECIMENTO - CONAB. Perspectivas para a agropecuária. Brasília: CONAB, 2013. v. 1. Disponível em: <<http://www.conab.gov.br>>. Acesso em: out. 2014.

Palavras-chave: abate de fêmeas, ciclo pecuário, produção agropecuária.

Carlos Roberto Ferreira Bueno
Pesquisador do IEA
crfbueno@iea.sp.gov.br

Vagner Azarias Martins
Pesquisador do IEA
vagneram@iea.sp.gov.br

Liberado para publicação em: 12/11/2014